

# Nietzsche e a Função da Linguagem e da História na Busca da Verdade

Fabio Pereira Soma<sup>1</sup>

**Resumo:** A linguagem para Nietzsche é considerada como uma metáfora das coisas externas produzida pelos estímulos que elas causam em nós. A partir disso, indagamos sobre a possibilidade da linguagem e da história auxiliarem na busca pela verdade. Para tal, o texto reconstrói o pensamento de Nietzsche contido em dois escritos de 1873 e 1874 (“Verdade e mentira no sentido extra-moral” e “Sobre a utilidade e os prejuízos da história para a vida” respectivamente). Por fim, contrapomos a concepção de Nietzsche, ainda que brevemente, com a visão de Habermas para demonstrar que a história, expressa pela linguagem, deve ser crítica e, com isso, conduzir a verdade.

**Palavras-chaves:** Nietzsche. Habermas. Linguagem. Verdade. História.

**Riassunto:** La linguaggio per Nietzsche è considerato come una metafora delle cose prodotte da stimoli esterni che essi provocano in noi. Da lì, chiedere circa la possibilità della linguaggio e della storia nella busca della verità. Per questo, il testo ricostruisce il pensiero di Nietzsche contenute in due scritti del 1873 e 1874 ("La verità e la falsità verso l'extra-morale" e "A proposito di utilità e le perdite di storia per la vita", rispettivamente). Infine, il disegno di contraporriamo Nietzsche, seppure brevemente, con la visione di Habermas per dimostrare che la storia, espressa attraverso il linguaggio è quello di essere critici e, quindi, portare alla verità.

**Parole chiave:** Nietzsche. Habermas. Linguaggio. Verità. Storia.

## 1. Introdução

Neste trabalho queremos nos perguntar sobre como Nietzsche percebe a função da linguagem e da história na busca, empreitada pelo homem, pela verdade. Para tal projeto, nos deteremos em dois textos do autor. No primeiro, datado de 1873, intitulado “Verdade e mentira no sentido extra-moral” (ÜBER WAHRHEIT UND LÜGE IM AUSSERMORALISCHEN SINN) queremos buscar o conceito de verdade que é expresso por meio do uso da linguagem dentro do rebanho. Dessa forma, faremos uma breve análise

---

<sup>1</sup> Acadêmico do curso de pós-graduação em Filosofia da UNESP. fabio.psoma@gmail.com

do texto em questão expondo os principais pontos que nos ajudam a compreender a problemática que dá nome a esse trabalho.

No segundo texto, datado de 1874, intitulado “Sobre a utilidade e os prejuízos da história para a vida” (VOM NUTZEN UND NACHTHEIL DER HISTORIE FÜR DAS LEBEN), também conhecido com “Segunda consideração intempestiva”, buscaremos entender como a história pode nos ajudar na busca pela verdade.

O que queremos com esse trabalho é apresentar algumas considerações acerca a teoria da linguagem de Nietzsche, bem como mostrar que a categoria de “metáfora”, “esquecimento” e “vida” são peças-chaves para compreensão de seu pensamento acerca da verdade. Não queremos ter a pretensão de esgotar o assunto, o que seria uma afronta a Nietzsche que nunca afirmou algo como irredutível.

## **2. A Função da Linguagem na Busca da Verdade**

Nietzsche começa seu texto “Sobre a verdade e a mentira em sentido extra-moral” indagando-se sobre a capacidade do homem de adquirir e produzir conhecimento. Para ele, se faz notável que o intelecto humano seja capaz de conhecimento, mas não de um conhecimento de fato, se não apenas como uma espécie de imperfeição, como algo desenvolvido pelos homens de modo a compensar sua fragilidade diante da natureza. Assim, a principal ação do intelecto é o engano, o disfarce. O disfarce é uma capacidade que os seres mais fracos adquirem para poderem sobreviver, isto é, para poderem continuar existindo já que não são dotados de garras ou chifres para lutar pela sua sobrevivência. Porém, mesmo que o intelecto seja a fonte do disfarce, de fazer com que aquilo que é seja percebido como o que não é, o homem tem uma inclinação para a verdade.

Para o autor esse impulso a verdade é admirável. O impulso que o homem sente para a verdade se dá em meio a uma descrença de que os sentidos são capazes de nos oferecerem informações corretas sobre a realidade. As percepções humanas são claudicantes, coxas, não há nada de definitivo no que nos é dado pelos sentidos. A sensibilidade, portanto, não pode dar ao homem as fontes confiáveis para que essas informações, oriundas dos sentidos, se tornem conhecimento verdadeiro. Isto é bem fácil de provar. Se pedíssemos a um indivíduo, quer seja o mais ilustrado e esclarecido de todos,

que nos falasse “tudo” sobre ele próprio, a resposta que teríamos é um silêncio ensurdecedor. Pois, nem sobre si mesmo o homem é capaz de dizer algo que tenha uma validade universal, capaz de ser aceita por todos os indivíduos como imutável, aplicável a todos os homens, e, portanto, verdadeiro. Assim Nietzsche se pergunta “de onde neste mundo viria, nessa constelação, o impulso à verdade” (NIETZSCHE, 2005. p. 54).

Parece uma crítica a Kant que coloca na razão o fundamento da verdade, isto é, uma crítica a razão que por si própria produz juízos válidos universalmente. Tais juízos, frutos da razão são aceitos por todos enquanto seres racionais. O que Nietzsche critica é que essa tentativa de reduzir o conhecimento a atividade isolada do indivíduo que observa a realidade não pode produzir conhecimento, pois o conhecimento das cores, por exemplo, não pode ser tido como um conhecimento válido para quem é cego de nascença, no entanto, estes indivíduos continuam a serem seres racionais enquanto tais e mesmo assim, não podem formar juízos a respeito de qualidades visuais dos objetos. Portanto, a cor, enquanto qualidade sensível, para um cego, não passa de um engano, de algo que não tem sentido. Apesar de sua racionalidade. Mas como podemos, então, buscar a verdade se nossos sentidos não são capazes de nos dizer como é a realidade enquanto tal? Talvez Nietzsche tenha buscado essa resposta no sentimento de rebanho, já que isoladamente o homem não sabe nada além daquilo que produz para enganar a si mesmo.

Em continuidade de seu texto de 1873, ele fala que o homem deseja viver em sociedade para melhor se conservar<sup>2</sup>, quer busque isso por necessidade ou por tédio. Porém convém ressaltar a seguinte passagem: “Enquanto o indivíduo, em contraposição a outros indivíduos, quer conservar-se, ele usa o intelecto, em um estado natural das coisas, no mais das vezes somente para a representação [...]” (NIETZSCHE, 2005. p. 54). A conservação de si próprio leva o homem a usar o seu intelecto para o engano, isto é, para preservar seu ser dentro do estado natural. Dessa forma o conhecimento não é o conhecimento das coisas

---

<sup>2</sup> Parece que podemos, aqui, traçar um paralelo entre Nietzsche e Espinosa. Para Espinosa o homem deseja buscar a vida em sociedade para melhor preservar seu ser, e isso caracteriza uma vida virtuosa. Nietzsche também diz que o homem deseja viver em sociedade para conservar-se. Salvo as dessemelhanças, o homem sozinho encontra muito mais dificuldade para viver bem e por isso une-se em comunidade. Ambos pensam a união civil como anterior a um contrato social, mas algo que se deu naturalmente pela necessidade de perseverar no ser, para Espinosa (Cf. Ética, IV, 20); ou por tédio e necessidade como diz Nietzsche. Mas isso é assunto para outro momento.

enquanto tal, mas o conhecimento dos meios pelos quais é possível fazer que o que é seja percebido como o que não é, quer dizer, no estado de natureza o homem busca sobreviver a qualquer custo por meio da mentira e do engodo. Evidente fica essa perspectiva se compreendemos bem o que foi dito acima. Como os nossos sentidos nos enganam e as nossas percepções em estado natural são individuais e isoladas, percepções que não possuem parâmetros de comparação com outros seres que percebem, o engano é a melhor forma de se buscar a sobrevivência.

No entanto, essa astúcia intelectual do gênero humano não lhe dá a satisfação do impulso para a verdade. Tal impulso, que permeia todo o texto de 1973 conduz Nietzsche a admitir que os indivíduos se agrupem em um rebanho. Esse agrupamento que se deu pela necessidade de evitar a guerra de todos contra todos<sup>3</sup>, visto que cada um buscava ludibriar o outro em proveito próprio; ou por tédio, que se dá pela busca incessante da verdade a qual o indivíduo sozinho, enganando e sendo enganado, não alcança. Porém, é necessário que ao menos uma dessas duas características do estado natural desapareça dentro do agrupamento em rebanho, por isso, estabelece um acordo de paz para que “[...] pelo menos a máxima *bellum omnium contra omnes*<sup>4</sup> desapareça de seu mundo” (NIETZSCHE, 2005. p. 54). É justamente neste acordo que Nietzsche acredita estar, ao que parece, o primeiro passo para se alcançar a verdade. Pois, a partir da suposição de que os homens vivam juntos eles devem respeitar certas normas, é justamente nesse sentimento que Nietzsche vai depositar o fundamento da oposição entre verdade e mentira. “Agora, com efeito, é fixado aquilo que doravante deve ser ‘verdade’, isto é, é descoberta uma designação uniformemente válida e obrigatória das coisas, e a legislação da linguagem dá, também, as primeiras leis da verdade: pois surge aqui pela primeira vez o contraste entre verdade e mentira” (NIETZSCHE, 2005. p. 54). É por meio da linguagem que os homens vão se entender sobre as determinadas formas de agir dentro do rebanho e dentro da sociedade.

---

<sup>3</sup> Cf. HOBBS. Thomas. *Leviatã. Matéria, Forma e Poder de um Estado Eclesiástico e Civil*. Tradução de João Paulo Monteiro e Maria Beatriz Nizza da Silva. São Paulo: Nova Cultura, 2004. p. 109. : “[...] durante o tempo em que os homens vivem sem um poder comum capaz de os manter a todos em respeito, eles se encontram naquela condição de guerra; e uma guerra que é de todos os homens contra todos os homens”.

<sup>4</sup> Guerra de todos contra todos.

Mas o que é a linguagem? Para que se possa estabelecer o que é verdadeiro e o que é falso é necessário antes estabelecer o que é a linguagem. Ao firmar que o tratado de paz se estabelece na designação “[...] uniformemente válida e obrigatória” (NIETZSCHE, 2005. p. 54), Nietzsche quer dizer que se convencionou que determinados sons, articulados de determinada maneira designam determinadas coisas que estão no mundo em derredor. Mas o problema que Nietzsche analisa não está na correspondência da designação com a coisa designada, e sim nas conseqüências da utilização da designação de acordo, ou não, com a convenção estabelecida pelo tratado de paz. Assim, se um homem utiliza-se das designações válidas, palavras, de acordo com a convenção estabelecida, ele fala a verdade, porém, se usa as designações válidas de forma contrária as convenções estabelecidas ele mente. Porém, a simples utilização das designações válidas de acordo ou não com a convenção não são importantes, mas o que importa são as conseqüências oriundas dessa utilização. Se ao mentir, quer dizer, se o indivíduo se serve de palavras que convencionalmente designam determinada coisa no mundo, de modo que essa designação se refira a outra coisa diferente da que foi estabelecida pela convenção e se essa utilização acarreta em danos para os demais indivíduos, temos, então, a mentira, e conseqüentemente, o rebanho não confiará mais nele e ele ficará a parte de sociedade, isto é, será banido por não respeitar a convencionabilidade das designações válidas. “Ele faz mau uso das firmes convenções por meio de trocas arbitrárias ou mesmo inversões dos nomes. Se ele o faz de maneira egoísta e de resto prejudicial, a sociedade não confiará mais nele e com isso o excluirá de si” (NIETZSCHE, 2005. p. 54s). Isso não significa que o homem não queira a ilusão, o que ele detesta são os efeitos nocivos da ilusão para sua preservação. Do mesmo modo que o homem dedicado a busca da verdade deseja só as conseqüências agradáveis da verdade, nunca as desagradáveis.

Assim, após essas constatações, Nietzsche se pergunta se as designações válidas, isto é, as palavras, designam de fato as coisas no mundo. “[...] o que se passa com aquelas convenções da linguagem? São talvez fruto do conhecimento, do senso de verdade: as designações e as coisas se recobrem? É a linguagem a expressão adequada de todas as realidades?” (NIETZSCHE, 2005. p. 55). Para o autor somente por esquecimento o homem pensará que está de posse da verdade, esquecimento de que todas as designações válidas

são convenções. Ele prova isso buscando uma explicação para o que seja a palavra. Nietzsche começa afirmando que a palavra é uma “[...] figuração de um estímulo nervoso em sons” (NIETZSCHE, 2005. p. 55), quer dizer a causa da produção dos sons que designam algo no mundo está fora de nós, é um efeito produzido pela coisa que afeta nossos sentidos e essa afecção é figurada pela palavra. Partindo desse princípio fica claro a impossibilidade de conhecimento, visto que as designações são apenas efeitos de causas externas o que fere o princípio da razão, principalmente depois de Kant. Como se poderia dizer que o vermelho tem sua cor porque nos afeta de determinada modo e essa afecção produz em nós a sua figuração por meio da palavra vermelho? Pois essa sensação é subjetiva, e não pode ser universalizada. Na realidade a crítica de Nietzsche está centrada na clássica concepção de definição onde definimos algo pelo gênero próximo e a diferença específica. Definir um ser pelo seu gênero próximo e por sua diferença específica é uma transposição arbitrária. Por exemplo, se defino triângulo como uma figura onde a soma dos ângulos internos é igual a dois retos, defino que o triângulo (masculino) é uma figura (feminino), quer dizer, como posso em uma determinada circunstância definir algo como masculino e logo em seguida, para sua explicação, defini-lo como algo feminino?! As palavras, portanto, não trazem em si nada de verdadeiro, são apenas, convenções arbitrárias que usamos para designar o mundo. “A ‘coisa em si’ (tal seria justamente a verdade pura sem conseqüências) é, também para o formador da linguagem, inteiramente incaptável e nem sequer algo que vale a pena. Ele designa apenas as relações das coisas aos homens e toma em auxílio para exprimi-las as mais audaciosas metáforas” (NIETZSCHE, 2005. p. 55).

As coisas em si, isto é, a verdade em si, não está acessível ao intelecto humano. O que Nietzsche defende é que a linguagem expressa as relações das coisas com o homem e nada mais. É por isso que o homem só pode servir-se das mais audaciosas metáforas. O homem só pode dizer o que é a linguagem por metáforas. Ele cita duas dessas metáforas: a primeira “[...] um estímulo nervoso, primeiramente transposto em uma imagem!” (NIETZSCHE, 2005. p. 55); logo em seguida demonstra a outra metáfora “[...] a imagem, por sua vez, modelada em som!” (NIETZSCHE, 2005. p. 55). Essas duas metáforas mostram um processo de transformação do que é captado pelos sentidos numa busca de que

o homem expresse o que conhece por meio da sensação. O estímulo nervoso, como já dissemos antes, é uma causa externa, e suas conseqüências, mesmo internas – a passagem do estímulo nervoso para imagem e da imagem para som – não são causadas pelo homem, e isso é uma crítica a Kant que afirma a possibilidade de juízos sintéticos a priori, que nada mais são do que juízos universais e necessário produzidos sem e independentemente da experiência, isto é, independentemente dos sentidos. Nietzsche parece querer demonstrar que a pretensão dos juízos sintéticos a priori não é mais do que um engano do intelecto.

A linguagem não passa de uma metáfora das coisas muito aquém de designar o que elas realmente são. Assim, as verdades que julgamos como certas não passam de um engano que provém da imaginação, por assim dizer, mas nunca da essência das coisas. Pois quando afirmo o conceito de cadeira não o faço porque apreendi a essência da cadeira, mas apenas digo que ela é cadeira por causa da sua cadeireidade; mas se perguntarmos algo sobre essa característica da cadeira, sua cadeireidade, não sabemos nada a respeito dela. E se perguntarmos sobre a multiplicidade de cadeiras existente no mundo possuem, com suas forma e materiais, a mesma cadeireidade. O que sabemos da cadeira é a sua relação com o homem, isto é, sua utilidade. Por isso, que dentro do rebanho a convenção de que determinado objeto seria chamado de cadeira deve ser respeitada para manter um nível de organização social e a mentira, isto é, atribuir uma designação válida de um objeto a outro com dano para os demais, é punida com a exclusão.

Apesar de todo o exposto, ainda não sabemos o que é a verdade. Nietzsche coloca a verdade como fruto do esquecimento; os homens esqueceram, no rebanho primitivo, que serviam-se de metáforas para designar as coisas e passaram a acreditar que tais metáforas, que se tornaram as designações válidas, passaram a ser a verdade. Como se nessas metáforas estivesse a expressão adequada e correspondente a essência das coisas, isto é, como se nas designações válidas estivesse expressa a coisa em si. “[...] as verdades são ilusões, das quais se esqueceu que o são, metáforas que se tornaram gastas e sem força sensível, moedas que perderam sua efígie e agora só entram em consideração como metal, não mais como moedas” (NIETZSCHE, 2005. p. 57).

Se não sabemos o que é a verdade, tão pouco podemos responder a pergunta com a qual iniciamos nosso discurso, não sabemos, ainda, de onde vem o impulso para a verdade.

Para Nietzsche o que sabemos é sobre a obrigação social de utilizar as metáforas usuais, designações válidas, que são expressas moralmente. Assim, o homem continua a mentir tal como fazia em estado natural, somente difere que antes mentia sozinho agora mente em rebanho.

[...] mente, pois, da maneira designada, inconscientemente e segundo hábitos seculares – e justamente *por essa inconsciência*, justamente por esse esquecimento, chega ao sentimento da verdade. No sentimento de estar obrigado a designar uma coisa como “vermelha”, outra como “fria”, uma terceira como “muda”, desperta a emoção que se refere moralmente à verdade: a partir da oposição ao mentiroso, em quem ninguém confia, que todos excluem, o homem demonstra a si mesmo o que há de honrado, digno de confiança e útil a verdade. (NIETZSCHE, 2005. p. 57).

Nesse sentimento de obrigação social o homem sente seu agir como racional, busca as abstrações, isto é, dissolve uma imagem em conceitos construídos por meio de metáforas usuais expressas moralmente. Desse modo, a verdade se dá somente em rebanho, pois não passa de um uso legitimado pela convenção das designações válidas, isto é, das metáforas que representam as coisas no mundo. E essas convenções lingüísticas servem para manter a sociabilidade dentro do rebanho.

O homem se esquece que produziu as metáforas e as acaba, por fim, por entendê-las como naturais. A linguagem é um artifício do homem que, pela vivência em rebanho distancia-se da Natureza e acomoda-se em abstrações e edifícios conceituais na ilusão de possuir a verdade. O que vivemos é uma ilusão, um engano, de que existe uma causalidade entre a palavra e o objeto designado. É o uso ordinário das designações válidas que nos oferece a pretensa sensação de correspondência entre a palavra e o objeto, isto é, de que estamos de posse de uma verdade.

No entanto, Nietzsche admite que toda a criação de metáforas obedeça às relações de espaço, tempo e número, e que essas relações são as formas pelas quais percebemos a realidade. A base de construção do edifício conceitual, que gera a ciência, está nessas relações.

### **3. A Função da História na Busca da Verdade**

Nesse sentido, podemos nos propor a realização de uma análise da segunda consideração intempestiva “Sobre a utilidade e os prejuízos da história para a vida”. A

linguagem é o principal pilar de transmissão e produção de cultura. A segunda consideração intempestiva começa com um convite a observarmos um rebanho que pasta, salta, ruma e que não sabe o que é o ontem e o hoje, mas sempre preso ao momento que vive. O homem por sua vez, está sempre preso ao passado, e não consegue desvincular-se dele. Aqui Nietzsche vê uma diferença marcante entre o animal e o homem, o animal vive de modo não histórico e o homem de modo histórico. Isso ocorre porque o homem não sabe esquecer os momentos, os instantes mortos, tal como fazem os animais que se esquecem do que viveram e vivem cada instante como se fosse o único e o primeiro instante de sua vida. O homem por sua vez é atormentado pelos instantes passados que retornam por meio da lembrança, da memória. O homem ao aprender a palavra “foi” aprende a não esquecer, que é impossível negar o passado mesmo contra a vontade. Para Nietzsche a palavra “foi” é “[...] como uma ponte com a qual tem acesso o homem, a luta, a dor e o tédio, para recordar-lhe que fundamentalmente é a sua existência – um *imperfectum* que nunca chega a perfeição” (NIETZSCHE, 2000. p. 37)<sup>5</sup>. É esse mesmo tédio que leva os homens a unirem-se em sociedade tal como o autor expõe em “Sobre a Verdade e Mentira no Sentido Extra Moral”, tédio que leva o homem a perceber que sozinho não consegue chegar à perfeição, a melhorar-se, mas somente em rebanho.

Porém o homem não vive somente lembrando-se todo o tempo do passado, mas vive momentos não históricos. Essa vivência de momentos não históricos é que permite o homem a felicidade, pois vive o momento presente sem se preocupar com o que já foi ou com o que virá, apenas vive e se alegra. “*O histórico e o ahistórico são igualmente necessários para a saúde dos indivíduos, dos povos e das culturas*” (NIETZSCHE, 2000. p. 40). Para o filólogo, o ahistórico é o que permite que a vida possa surgir, sem ela a vida se extingue. Porém Nietzsche não joga fora a dimensão histórica da vida, mas a valoriza enquanto permite o homem aprender dos fatos passados o que necessita para melhorar sua vida presente. O que ele critica é uma espécie de historicismo rigoroso que não apresenta nenhuma ligação com o presente, com o instante vivido pela humanidade. É no presente que se expressam às necessidades dos indivíduos, dos povos e das culturas, é nesse instante em que se expressam as necessidades que a linguagem mostra sua força universal, pois é

---

<sup>5</sup> Tradução do espanhol para o português é nossa.

por meio dela que as necessidades se externalizam e se dão a conhecer, e mais do que isso mostra que as necessidades dos homens são sempre as mesmas. Essa igualdade de necessidades leva os homens, segundo Nietzsche ao tédio e a sociedade.

Para Nietzsche há três tipos de história: a Monumental, a Antiquária e a Crítica. A história Monumental é aquela descrição histórica dos fatos em que se exalta o que já se foi, isto é, só é grande o que já terminou, só o passado é grande. O presente só pode ser grande quando se tornar passado e o futuro precisa ser presente antes de tornar-se passado e conseqüentemente grande. A linguagem, nessa perspectiva é cultivada como forma de expressar os argumentos a rechaçar tudo o que for contrário a essa perspectiva. Portanto, uma linguagem nessa acepção não serve para a vida, pois deprecia o momento atual, o instante. O que é monumental, já está posto, basta olhar para ele e admirá-lo. Essa história é a história dos poderosos: “Na realidade, esta grandeza que está aí lhes importa tão pouco como a que está prestes a nascer: suas vidas dão testemunho disso. A história monumental é o disfarce com o qual seu ódio aos grandes e poderosos de seu tempo se apresenta com uma tranqüila admiração pelos grandes e poderosos de épocas passadas [...]” (NIETZSCHE, 2000. p. 58). Porém, Habermas vê no sentido monumental da história algo positivo, pois afirma: “A historiografia monumental se dirige a ‘grandeza do passado’, que se contrapõe ao presente com a força imperativa do modelo. Quando a violência de tradições mortas paralisa a vida presente, quando a continuidade da história deve saltar em pedaços, presta alento o exemplo do passado (...) para romper com as rotinas do presente” (HABERMAS, 1982, p. 07)<sup>6</sup>.

O sentido antiquário da história é aquele que remete o olhar para trás de modo a sentir-se participante do que já se passou, isto é, de manter vivas as lembranças dos instantes passados e trazê-las para o momento atual. Esse modo de ler a história não contribui para a vida, pois impede a novidade, a busca pelo novo, a aventura em descobrir o desconhecido.

O sentido antiquário de um indivíduo, de uma comunidade, de todo um povo, tem sempre um campo de visão muito limitado, não percebe a maior parte dos fenômenos, e os poucos que percebe os vê demasiado próximos e de

---

<sup>6</sup> Texto disponível no site: [www.nietzscheencastellano.com.ar](http://www.nietzscheencastellano.com.ar) acessado em 09/12/2006. A tradução do espanhol é nossa.

forma muito isolada. Não pode avaliar os objetos e, conseqüentemente, considera tudo igualmente importante e, por isso, dá demasiada importância às coisas singulares. Para julgar o passado não tem uma escala de valores nem sentido de proporção que realmente respondam às relações das coisas entre si. Sua medida e proporção são sempre a que lhe outorga o olhar retrospectivo, em sentido antiquário, de um indivíduo ou de um povo (NIETZSCHE, 2000. p. 62).

O sentido antiquário da história não impulsiona para a vida, pois serve só ao passado, ao instante que já morreu, que já se foi. A história antiquária serve somente para conservar a vida, mas não permite que o indivíduo ou um povo crie a vida, isto é, que busque o novo, pois, nessa perspectiva só tem valor o que é passado e o que é passado deve ser conservado no presente, pois foi um algo que deu certo e que deve continuar dando certo. Essa visão é fruto ou do medo ou da preguiça de espírito de ir em busca do progresso. Novamente Habermas percebe a história no sentido antiquário com algo de positivo, para ele “A historiografia do antiquário procede, ao contrário, justamente quando ameaça romper a continuidade da história e as interpretações da vida que só são capazes de dar sentido ao presente ameaçam ser oprimidas ou niveladas em uma consciência ahistórica” (HABERMAS, 1982. p. 07)

Evidente que não podemos negar o passado do qual somos herdeiros e frutos. Porém, se faz necessário para a vida, que o passado seja julgado e condenado, que o passado seja submetido a uma crítica. Nisso consiste a necessidade de um sentido crítico da história que nos permitirá criar vida, vida nova, e viver o instante novo, o instante presente. Essa crítica da história vai permitir que o homem não viva apenas com o acúmulo de conhecimentos interiores que em nada auxiliam a vida, mas ajuda no surgimento de pessoas livres, “[...] que sejam sinceras consigo mesmas, sinceras com os demais, e isto em palavras e em fatos” (NIETZSCHE, 2000. p. 84). Somente essa visão crítica pode levar o homem a viver sem a máscara que usa para conservar-se, poderá ele ser ele mesmo, poderá viver a sua vida sem buscar no passado monumental ou antiquado a veneração que lhe mantém vivo, mas, o sentido crítico da história, conduz o homem à vida que virá, que se tornará presente e depois passado, porém conduzirá sempre a vida que virá.

A crítica que Nietzsche faz ao historicismo se dá pela pretensão dos modernos em transformar a história em uma ciência despojando-a de sua significação para a vida. A verdade histórica, portanto, do historicismo não está direcionada para a vida, mas sim, quanto

mais inserida na lógica das ciências do espírito, alheia a própria vida, deslocada da práxis do rebanho e perde seu último vínculo entre conhecimento e interesse. “Nietzsche está convencido de que é a historiografia, trocada em ciência, com tal é o que aliena inevitavelmente a descrição histórica e a distancia da práxis vital” (Habermas, 1982, p. 08). A verdade, portanto, da história deve ser entendida como aquela que serve a vida e que não prescinde do momento atual, mas que está sempre ligada a atualidade em que vive o que observa a história e que descobre a verdade.

### **Considerações Finais**

Ao final desse texto podemos perceber que a verdade é uma convenção adotada pelo rebanho no intuito de dominar o mundo em que vive e de organizar a existência em rebanho. A linguagem, nada mais é, portanto, do que metáforas do mundo externo. O homem, possuidor de um instinto que o impulsiona a criar metáforas, cria metáforas das coisas que lhe rodeiam e, para dar uma aparência de relação entre os símbolos que coloca com o mundo e com as coisas que os símbolos representam no mundo, esquece-se como criador de metáforas e passa a crer que existe uma relação intrínseca entre o símbolo e a coisa representada. Esse esquecimento permite o homem atribuir um caráter objetivo a linguagem, do contrário ficaria preso ao “mundo das idéias”. Assim, a verdade que a linguagem nos permite conhecer é a verdade da convencionalidade lingüística do rebanho, só é verdadeiro aquilo que está de acordo com as metáforas usuais e tidas como legítimas pelo rebanho. O que vai de encontro a essa proposição, que tem como função orientar o agir, é tido como falso, como mentira.

A história, por sua vez, nos serve como possibilitadora do novo, quer dizer, somente a história que impulsiona a humanidade para a vida que virá, para o futuro, para o momento futuro pode ser útil na busca pela verdade. Para isso, ela deve ser uma história crítica de modo a permitir que os eventos históricos sejam julgados de acordo com as convenções do tempo presente e, assim, impulsionar a vida para o momento futuro. Não é a história tida como ciência que pode permitir isso, visto que ela se distancia cada vez mais da práxis vital e conseqüentemente desliga-se do vínculo existente entre conhecimento e interesse.

### Referências Bibliográficas

ESPINOSA, Baruch de. *Pensamentos Metafísicos. Tratado da Correção do Intelecto. Ética: demonstrada à maneira dos geômetras. Correspondência*. Tradução de Joaquim de Carvalho, et al. Coleção os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 2004.

NIETZSCHE, F. *Obras incompletas*. Coleção os pensadores. São Paulo: Abril cultural. 2005.

\_\_\_\_\_. *De la Utilidad y los Prejuicios de la Historia para la Vida*. Tradução de Dionísio Correa. Madrid: EDEJA. 2000.

\_\_\_\_\_. *De La Utilidad Y Los Inconvenientes De La Historia Para La Vida*. Disponível em: [http://www.nietzscheana.com.ar/sobre\\_la\\_utilidad.htm](http://www.nietzscheana.com.ar/sobre_la_utilidad.htm). Acessado em 10/12/2006.

HABERMAS, J. *La crítica nihilista del conocimiento en Nietzsche*. In: *Sobre Nietzsche y Otros Ensayos*. Tradução de Carmen García Trevijano y Silverio Cerca. Madrid: Tecnos, 1982. Disponível em <<http://www.nietzscheencastellano.com.ar>>. Acessado em 09/12/2006.

HOBBS, Thomas. *Leviatã. Matéria, Forma e Poder de um Estado Eclesiástico e Civil*. Tradução de João Paulo Monteiro e Maria Beatriz Nizza da Silva. São Paulo: Nova Cultural, 2004